

N. 1

1.º DE DEZEMBRO DE 1886

# AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO

DIRECTOR..... Antonio Vasques de Carvalho

ADMINISTRADOR. Antonio da Silva Rebello

ASSIGNATURA:

estampilha, 1\$100 reis  
100 ¢  
150. . . . 30 ¢





1.º ANNO

N.º 1

## COLLABORADORES

Accacio Borges — Albano Coelho — A. V. Cid — Dr. Alves Mendes — Dr. Alves da Veiga — Antonio Fogaça — Antonio Pleias — Augusto de Castro — Augusto de Mesquita — B. Caldas — Candido da Cruz — F. C. Vasques — Francisco Castor Pinto da Rocha — Ignacio Carneiro — Joaquim Alvares da Silva — Joaquim Baptista — Alves de Lemos — Joaquim José Martins — J. C. V. — Manoel Velloso Armelim Junior — Dr. Pereira Caldas — Sebastião Pereira da Cunha — Silvestre Falcão.

## CHRONICA

**G**entilissima leitora: Apresento-te a «Mocidade» quevem hoje alistar-se, modesta e timida, nas fileiras da imprensa portugueza. Apparece em publico para partilhar da amisade que o genio portuguez tem de monstrado, com signaes de resposiço, pelo amor ao trabalho, dedicacão pelas letras sciencias, tendo em mira merecer um lugar, ainda que obscuro, no teu *boudoir*, e ella terá attingido o seu fim se te poder fazer passar alguns momentos das interminaveis noites de inverno.

O inverno! aborreço-o. Só fallar n'elle me causa arrepios. Se o podesse supprimir, de boa vontade o faria. E' a minha sombra negra, que me persegue e que me arruina; ás vezes encho-me de coragem, metto-me entre os cobertores e ahi rio-me d'elle, a bom rir, mas o malvado, quando me apanha a geito, dá cabo de mim com frieiras, com bronchites, com pneumonias, com tudo mais que lhe appetitece, fazendo-me voltar para a cama, mas, d'esta vez, estrangido sentindo-me suffocado por uma raiva concentrada contra o miseravel que, semelhante ao ladrão, me grita aos ouvidos com voz ameaçadora:—*ou vaes para a cama ou morres!* Um verdadeiro martyr que sou d'esse senhor! E, com-tudo, ha de haver gente que o não odeie, como eu, e goste d'elle; está-me a parecer que és do numero dos ultimos, querida leitora, mas eu bem sei porque: pelas distracções que se te offerecem n'esta epocha, pelas reuniões de familia, pelas soirées dançantes e de-nois os theatros.....

A proposito, já sabes que este anno temos companhia lyrica no S. João? e que já estão na Invicta algumas cantoras que fazem parte do elenco d'essa companhia? e não sabes que o debute é no dia quinze de Dezembro? Pois vão sendo horas de ires preparando as malas, de deixares a provincia e de vires até ao Porto. Os preços são mais baixos que os do anno passado, com o que folguei muitissimo, porque, aqui muito á puridade, ando a vêr se arranjo uns cobresitos para me dar o gostinho de ir, uma ou outra noite, ouvir um bocado de musica d'um logar especial, de lá de cima... do *paraizo*. E bem preciso d'isso depois da decepção por que passei n'estas ultimas eleições em que me propunha para *camarista* e afinal fiquei a vêr navios e ainda não sei a razão porque me excluiram.

Vou averiguar o motivo, porque o fizeram e na proxima semana prometto pôr tudo em pratos limpos.

Porto, 30 — 11 — 86.

Jucarvas.

## 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

I

Na restauração de Portugal, depois dos 60 annos de sujeição a Castella, verificou-se á larga o asserto do padre Antonio Vieira nos SERMÕES — Tom. VII. §. V. num. 505 — ao occupar-se da glorificacão do bom successo das nossas armas, prestando na capella real de Lisboa em 1645:

«A menor aldeia de Portugal, quando se i  
é Numancia: e quando se defende, é Carthago



## II

Não passou despercebido isto a José Correia de Mello e Brito d'Alvim Pinto — no poema epico JOANNEIDA — ao decantar-nos a defeza da liberdade de Portugal por D. João I, exclamando assim no cant. V, oit. LXXXIV:

«Menos triste será, menos funesta,  
«Nos apertos d'um risco tam tyranno,  
«Uma morte por armas gloriosa,  
«Do que em froixa inacção injuriosa.

## III

Nem eu tambem pela minha parte — como *aman-tissimo da patria* — deixei de lembrar-me d'ambos com entusiasmo, ao imitar-lhes o conceito em 15 de dezembro de 1879 n'um sarau aqui, em Braga, na SOCIEDADE DEMOCRATICA, findando assim a minha poesia PATRIA E LIBERDADE:

«Póde a luz perder o brilho!  
«Póde o sol errar o trilho!  
«Mas escrava Lysia — NÃO!  
«Póde o céu ficar sem astros!  
«Mas Lysia, a patria dos Castros,  
«Ou é livre — ou morre ENTÃO!

Braga, 18 de Novembro de 1886.

O Professor do Lyceu, *Pereira Caldas.*

## AMOR! AMOR!

(EXCERPTO)

Ser amado, que orgulho!  
Ser despresado, que punhal!  
O sacrificio pelo amor, que soffrimento tão doce!  
A paz do abandono, que gozo tão envenenadol  
O amor será uma loucura, será.  
Mas sem esta loucura, o que seria o homem?  
Não se é homem sem se amar.  
Depois sim.  
O nosso coração comprehende então as abnegações heroicas, abraça os grandes sacrificios.  
Christo deixa de ser a espada vingadora, e soergue-se como martyr sublime do amor pela humanidade.  
O padre deixa de ser o carrasco das consciencias, para ser admirado como heroico missionario do amor e Christo.  
A vida é a cruz, e o Cyreneu o amor.  
E, cruz e Cyreneu, de tal forma se comprehendem, tanto se soccorrem, que nunca a vida pareceu longa ao que sonhou com amor, nem o amor foi inutil ao que passou pela vida.

Se não suppozermos uma patria querida, que sirva de mãe á nossa mãe e á nossa amada, como conceberemos o guerreiro?

Se não admittirmos os incitamentos do amor, como havemos de crer nos heroes?

Vêde o poeta: que é elle sem o amor?

Uma lyra sem cordas, uma ave sem espaço, uma flor sem atmospherá uma setta sem impulso.

Encordôe-se a lyra, e ella deixará desprender as suas harmonias; deixem a amplidão do espaço á avesinha, que ella voará graciosamente, n'um chilrear alegre; consinta-se á flor que respire n'uma atmospherá livre, e vel-a-hão rejuvenescer-se e crescer, crescer para o ceu; imprima-se força e direcção á setta, e ella fenderá vertiginosamente os ares.

Dae ao poeta o amor, e elle rovoluteará em volta do ideal, sublimará a inspiração para sublimar o éstro, remontar-se-ha successivamente a alturas superiores, até que, pairando n'uma região altissima, possa sorver a amplos pulmões o oxigenio d'uns sonhos bons, e fazer radiar fulgurantemente a luz do seu génio.

O amor!

E' uma loucura, sim; mas é uma loucura necessaria, que transforma um tição n'uma estrella, um carvão n'um diamante, o besouro n'um pyrilampo, o cogumello n'uma flor e o timido n'um heroe.

Mocidade! sejamos todos loucos de amor, emquanto que a mão descaroavel do tempo nos não colloca sobre a face o sinete da inutilidade, fazendo chorar sobre a campa das crenças felizes a tristissima alvorada do scepticismo!

(Do romance VENTURAS E AVENTURAS, *carteira d'um poeta*, a sair do prélo).

*Albano Coelho.*

## OS ACHANTIS

### OS SEUS HABITOS E COSTUMES

(JULES GROS)

#### CAPITULO I

##### Do governo e Justiça

O Achanty é governado despoticamente. Cada individuo, desde o ultimo escravo até ao primeiro chefe, pertence ao rei que o póde elevar ou abaixar a seu bel-prazer. Eis a razão porque são todos obedientes e submissos e se orgulham de terem o nome de *oïnkoi* (escravos do rei).

O reino é dividido em districtos tendo cada um d'estes a sua capital que é governada por um grande chefe ou vice-rei. Cada districto conta um certo numero de aldeias mais ou menos importantes cujo chefe ou *maire* é nomeado pelo rei.



Cada cidade ou aldeia, segundo a sua importancia e numero de habitantes é dividida em companhias a que dão o nome de *assafo*. Todos os membros d'um *assafo* são solidarios uns dos outros. Entre elles existe uma especie d'assistencia mutua. O chefe do *assafo* (*assafo oîné*) partilha dos bens que um dos seus membros recebe como tambem muitas vezes toma parte nas suas adversidades. Os membros d'um *assafo* são, além d'isso, parentes pela maior parte.

Cada chefe é responsavel pela sua aldeia, como o chefe de provincia pelo seu districto.

Tanto um como outro são encarregados de detalhes onde o rei não *mette-bico*. Exerce as funcções d'um juiz de paz. Em todas as aldeias as primeiras horas do dia são consagradas ao julgamento das causas, discussões ou chicanas. Logo de manhã cedo vê-se o *dikero* (juiz) e todos os *pagnifo*, conjunctamente com os anciãos e ociosos da aldeia, acompanhados dos seus escravos munidos de cadeiras, irem abrigar-se sob a maior arvore da localidade. Esta arvore cobre n'um momento a maior parte dos habitantes que, sempre, tomam um vivo interesse n'estas sessões, tomando, cada um, o partido d'um ou outro adversario.

Os processos terminam quasi sempre amigavelmente; o que não tem razão é condemnado a pagar as despesas. Se a coisa é um pouco séria, o condemnado deve fornecer carneiro ou uma certa porção de ouro em pó que é repartido pelo *dikero* e velhos que julgaram a causa; e se é de pouca importancia contentam-se só com uma certa medida de vinho.

Se as partes interessadas acham a decisão illegal ou injusta e se não querem sujeitar-se a ella appellam para o vice-rei da provincia e ás vezes d'este para o rei.

O *dikero* d'uma aldeia e o chefe d'uma provincia não pódem julgar certas causas-crimes como por exemplo: Um individuo prejura ou viola o *grande juramento do rei*. Só ao rei é que é permittido julgar a causa.

Este sabe diariamente o que se passa nos mais insignificantes aldeias. De todas partes recebe narrações detalhadas e minuciosas, porque todo o mundo é obrigado, sob penna de morte, a narrar o que vê e o que ouve.

As ordens do rei são expedidas dia e noite em todas as direcções e publicadas em cada aldeia por mensageiros portadores de instrumentos ao som dos quaes todos os habitantes se reúnem para ouvirem a ordem ou lei a cuja leitura se vae proceder. Ao som d'estes instrumentos respondem elles com um grito especialmente adoptado para este fim.

O rei Achantis é um dos homens que mais afazerem tem. Elle é guerra, é religião, é commercio, é agricultura. Occupa-se tambem, e não pouco, dos pezos e medidas e do preço dos diversos generos. No entanto o que lhe dá mais trabalho e em que se occupa mais é da justiça.

(Continúa).

F. C. Vasques.

## FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Com este titulo encetamos n'esta revista uma secção recreativa, especialmente dedicada ás nossas amaveis leitoras, e onde figurarão, successivamente, charadas, enigmas, logogriphos, problemas, cartas enigmáticas etc., tudo emfim que possa ajudar a matar o tempo.

Convidamos os nossos estimaveis assignantes, cultores do genero a enviar-nos as suas produções que gostosamente publicaremos.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser subscritadas a J. Camaleão—rua Direita n.º 275—Porto.

J. Camaleão.

### CHARADAS HOVISSIMAS

O oceano com este appellido dá um fructo—1—2  
Na musica e na musica não é boa porque é de vidro 1—1—

Porto.

J. C. V.

Este sentimento no campo é uma arvore—2—2.

Porto.

A. Cid.

### CHARADA MATHEMATICA

Cidade—b—|—p=Cidade—2—

Regoa.

F. d'Azevedo.

### Charada em quadro

. . . . Na physica  
. . . . Na familia  
. . . . Tempo  
. . . . Embarcações

Porto.

A. Cid.

### ENIGMA N.º 1

SOBRE

Regoa.

S. Santos.

### PROBLEMA

A ARNALDO B. COELHO

Perguntando um individuo a um amigo a idade que tinha, este respondeu: A somma das nossas edades é igual a 30; mas eu tinha o quadrado da idade que tinhas quando tinha a idade que tens, menos a idade que tinhas quando a minha idade era o quadrado da tua.

Quer-se saber a idade de cada.

J. C. Vasques.

### SUMMARIO

Chronica. Por Jucarvas. 1.º de Dezembro de 1640. Por Pereira Caldas. Amor! Amor!. Por Albano Coelho. Os Achantis. Por F. C. Vasques. Em Família (Passatempos).